**CÂNCER INFANTIL: ENTENDENDO O LUTO FAMILIAR**

D’Espíndula, Thereza Salomé

Stofella, Simone

Faculdades Pequeno Príncipe

Curso de Psicologia

therezapsi@gmail.com

**PALAVRAS CHAVE**: Câncer infantil; Família; Morte; Hospitalização.

**RESUMO:**

**Introdução:** Após o susto inicial do diagnóstico, todo o esforço e dedicação dos familiares passam a ser dispensados à criança em tratamento. Porém, para estes familiares, não é fácil observar a dor e o sofrimento que a criança vivencia, sendo então uma dura experiência. **Objetivos e Método:** Compreender como os familiares de uma criança acometida de câncer vivenciam o processo de luto, desde o seu diagnóstico até o óbito, através de revisão bibliográfica. **Discussão:** Conviver com o câncer causa desconforto, insegurança e incerteza; traduz uma situação delicada, indesejada e inesperada, mais ainda quando se trata de crianças, interrompendo o seu caminhar para um futuro. O processo de luto familiar inicia-se no momento do diagnóstico, quando então surgem sentimentos e emoções intensas, o que os faz merecedores de um cuidado especial, pois a desestrutura familiar é inevitável, mas a forma como cada membro da família irá lidar com isso é única. Diante o diagnóstico de câncer na criança, todas as atividades são rompidas, há um desligamento do cotidiano, a dinâmica familiar muda de maneira repentina. Pode ocorrer uma desestruturação do desenho familiar, e os papéis na família terão que ser reorganizados. Os familiares passam pelos mesmos estágios de luto que o paciente e a forma de enfrentamento varia de acordo com a estrutura emocional de cada um e das relações que estes mantêm entre si e com a criança enferma. A expressão de sentimentos, neste momento, é fundamental para o desenvolvimento do luto. Assim, após a morte de um filho, os pais começam uma nova etapa de suas vidas. As famílias que não elaboram adequadamente o luto, não conseguem seguir em frente com as tarefas do viver. Os membros da família podem culpar a si mesmos ou uns aos outros pela morte; eles podem tentar transformar outras pessoas em substitutas para a pessoa perdida ou se absterem de experimentar novamente a proximidade com os outros. O psicólogo atuando junto a essas famílias, deve esclarecer dúvidas sobre situação vivenciada; ajudar a família e o doente a compartilharem sentimentos, angústias e medos; propiciar despedidas; facilitar o processo de tomada de decisões e resoluções de problemas; apoiar todos os familiares para lidarem com as emoções presentes no contexto de morte e separação e, dessa forma, colaborar para que o tratamento oferecido seja digno, respeitoso e capaz de gerar qualidade de vida. **Conclusão**: Após a partida, o luto perdura ainda por um tempo mais ou menos longo, na dependência de diversos fatores. Dentro do possível, deve ser facultado às famílias até mesmo o retorno ao ambiente hospitalar a fim de propiciar-lhes a oportunidade de uma despedida, ou para que possam se sentir úteis. Afinal, muitas vezes este é um momento no qual os familiares procuram um motivo para continuar vivendo. Percebeu-se que muitos dos materiais produzidos vêm de outras categorias profissionais, embora muitos deles façam alusão à importância do trabalho do psicólogo. Faz-se necessário atentar para a produção científica da psicologia na área, a qual parece ser inferior à ideal.

**REFERÊNCIAS**

ARIES, P. **História da morte no Ocidente**. 1.ed. (2003). Disponível em: http://minhateca.com.br/akirafogaca/Documentos/O+Tempo+da+Hist\*c3\*b3ria+(Philippe+Arie),886911726.pdf. Acesso em 23.mar.2017.

BELTRAO, M.R.L.R. et al. A criança com câncer e a família: contexto, descoberta e ação. In: MALAGUTTI, W. **Oncologia pediátrica**: Uma abordagem multiprofissional. São Paulo: Martinari, 2011.

BIRCK, M.D.; MOTTA, A.C.;CREPALDI,M.A. Vivência de Luto Antecipatório em Oncologia Pediátrica. In: MALAGUTTI, W. **Oncologia pediátrica**: Uma abordagem multiprofissional. São Paulo: Martinari, 2011.

CARDOSO, F.T. Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo. **Rev. SBPH** vol.10 no.1, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1516-08582007000100004. Acesso em 21.fev.2017

ESSLINGER, I. **De quem é a vida afinal?** Descortinando os cenários da morte no hospital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ESPÍNDULA, J. A; VALLE, E.R.M. Vivências de mães em situações de recidiva de câncer em seus filhos. In: VALLE, E.R.M. **Psico-oncologia pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HOHENDORFF, J.V; MELO, W.V. A compreensão da morte e o desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. **Estud. Pesqui.psicol**. v.9 n.2 set. 2009. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a14.html. Acesso em 22.out.2016.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9º.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008

RODRIGUES, J.C. **Tabu da Morte**. 2.ed., rev. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

TORRES, W.C.**A criança diante da morte**: desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VALLE, E.R.M. **Psico-oncologia Pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.